

Agenda Nacional da Educação para o Mundo do Trabalho

Na última década, em função do crescimento econômico, o Brasil se consolidou como uma das grandes potências mundiais. Contudo, esse crescimento não reflete avanços no campo educacional, uma vez que os indicadores nacionais e internacionais apontam a fragilidade do sistema educacional brasileiro.

No dia 30 de outubro, a Confederação Nacional da Indústria (CNI) promoveu o evento Educação para o Mundo do Trabalho, no qual lançou a Agenda Nacional, que define um conjunto de ações de curto e médio prazos em prol da melhoria da educação brasileira. Tal Agenda foi construída coletivamente. As 27 Federações das Indústrias de todo o País abriram suas portas para que empresários, gestores educacionais, representantes do governo, ONGs e pais de alunos debatessem e priorizassem as linhas de ação a serem desenvolvidas. De norte a sul do País, foi contabilizada a par-

ticipação de 1.396 pessoas que trouxeram 1.292 contribuições significativas para a construção da Agenda. Os debates convergiram fortemente para a necessidade de uma educação básica e uma qualificação profissional que aproximem a escola do mundo do trabalho. O evento nacional foi um marco para a consolidação dos Núcleos Regionais que irão desenvolver as ações em parceria com o Sistema Indústria.

A iniciativa foca na melhoria do nível de escolaridade e de qualificação de 16,5 milhões de pessoas, dentre elas 8,7 milhões de jovens que estão no ensino médio, 2,2 milhões de jovens que estão fora da escola e do mercado de trabalho e 5,6 milhões de trabalhadores da indústria que não possuem ensino médio completo.

É preciso mudar essa realidade, pois as transformações constantes do modo de vida contemporâneo e a velocidade com que as novas

tecnologias são incorporadas aos processos produtivos têm modificado significativamente o mundo do trabalho. O novo exercício profissional requer que o trabalhador possua competências para atuar em situações complexas e dinâmicas, exigindo capacidade de aprender continuamente.

O entendimento da CNI é de que investir na qualidade da educação é fundamental para que o Brasil possa aumentar a produtividade e ampliar a capacidade de inovar, impactando significativamente a sua competitividade no cenário internacional. Nesse sentido, a educação foi apontada pelos empresários como prioridade e passou a constituir a base do Mapa Estratégico da Indústria (2013 - 2022). Rafael Lucchesi, diretor de Educação e Tecnologia da CNI, acredita que, “se o quadro atual da educação não mudar, a falta de qualidade do trabalhador vai se tornar um entrave para o crescimento do País.”

Roland Fryer,
presidente do
Laboratório de
Inovação em
Educação da
Universidade de
Harvard

Fotos: José Paulo Lacerda



Para o senador Armando Monteiro, “muito embora a indústria, por meio do SENAI e do SESI, continue a fazer grandes investimentos em educação e formação profissional, a verdade é que esse cenário se perpetuará na ausência de medidas corajosas e, em especial, inovadoras para adaptar o Brasil ao ritmo vertiginoso das mudanças tecnológicas, socioeconômicas e demográficas que caracterizam a economia do conhecimento e a sociedade da informação.”

Para estimular o debate sobre o tema, o presidente do Laboratório de Inovação em Educação da Universidade de Harvard, Roland Fryer, proferiu a palestra magna do evento. Ele destacou os cinco princípios fundamentais para melhorar a qualidade da educação, tendo em vista a sua experiência com escolas charter, cuja gestão é compartilhada entre os setores público e privado:

- **Mais tempo na escola:** Dias, semanas e anos escolares mais extensos são componentes essenciais para os modelos escolares bem-sucedidos.
- **Tutoria em pequenos grupos:** Nas escolas de melhor desempenho, o ensino em sala de aula é suplementado pela tutoria individual, tanto depois das aulas quanto durante o dia de aula normal.
- **Gestão de capital humano:** As escolas charter bem-sucedidas recompensam os professores pelo desempenho e os responsabilizam caso não agreguem valor.
- **Ensino impulsionado por dados e gestão do desempenho do aluno:** Nas principais escolas charter, os alunos são avaliados frequentemente e, então, em pequenos grupos, reaprendem as habilidades que ainda não dominaram.
- **Cultura e expectativas:** Em escolas bem-sucedidas, os alunos se envolvem com a missão da escola e com a importância da educação na melhoria de suas vidas.

Fryer enfatizou a importância de o setor industrial promover uma iniciativa dessa natureza. Para ele, “a indústria também pode estar mais envolvida nas políticas para aumentar a qualidade da educação. Para o Brasil crescer e prosperar, vai precisar de capital humano de qualidade. O melhor investimento que um país pode fazer em relação a isso é em seu próprio povo, e a indústria pode liderar esse processo.”

No evento ocorreu um debate, mediado pela jornalista Denise Barbosa, que contou com a presença de José Henrique Paim (secretário executivo do Ministério da Educação), Pedro Wongtschowski (presidente do Grupo Ultra), Mozart Neves Ramos (conselheiro do Conselho Nacional de Educação - CNE), Isabel Cristina Santana (superintendente da Fundação Itaú Social) e Ricardo Martins (consultor legislativo para Educação da Câmara dos Deputados).



Mesa de abertura do lançamento da Agenda Nacional da Educação para o Mundo do Trabalho



José Henrique Paim, secretário executivo do Ministério da Educação, destacou no debate que cabe ao MEC fazer o repasse de recursos, mas que a execução das políticas públicas é responsabilidade dos Estados e municípios. Na opinião do secretário, é necessária a constituição de um regime de colaboração entre a União, os Estados e os municípios para definir as responsabilidades de cada parte, de forma que os resultados possam ser potencializados. Paim também preconizou a cooperação entre os Estados e as universidades para melhorar a formação docente e a necessidade de um pacto federativo com os Estados para atrair o jovem para a carreira do magistério. Definitivamente, o desafio de formar jovens que atendam às novas exigências do século XXI passa pela formação de professores mais bem preparados e atualizados nas novas metodologias e tecnologias educacionais.

Pedro Wongtschowski, presidente do Grupo Ultra, trouxe para o debate a sua experiência com questões relacionadas à escolarização e à qualificação do trabalhador da indústria. Segundo o empresário, é fundamental buscar novas soluções para a formação e capacitação do trabalhador brasileiro para que o País continue avançando no de-

envolvimento econômico e social. Nessa direção, a Agenda Nacional vai priorizar ações voltadas para a melhoria do nível de escolaridade e da qualificação do trabalhador industrial. A ênfase das ações vai recair sobre a ampliação do conhecimento em matemática e língua portuguesa, visto que o domínio de tais disciplinas instrumentaliza o trabalhador para lidar de forma mais efetiva com a resolução de problemas e a utilização de operações mais sofisticadas, como também amplia a capacidade de interpretação e favorece uma comunicação oral e uma expressão escrita mais eficazes.

De acordo com o integrante do Conselho Nacional de Educação (CNE) Mozart Neves Ramos, o ensino não é atrativo para o jovem. “Hoje temos uma escola do século XIX, com professores do século XX e alunos do século XXI. Temos que colocar todos no mesmo tempo. Não adianta dizer para um aluno que é importante aprender matemática se não conseguirmos mostrar a ele como isso vai impactar sua vida.”

Indubitavelmente, a escola que se tem hoje não atrai o nosso jovem. O ensino médio precisa de um conjunto de ações de longo prazo que contemplem mudanças curri-

culares, desenvolvimento de novas metodologias e tecnologias educacionais, valorização da carreira docente e gestão escolar baseada em meritocracia. No entanto, temos uma geração que não pode esperar. Nesse sentido, não se pode perder de vista as ações de longo prazo, mas é preciso, simultaneamente, desenvolver ações de curto e médio prazos que gerem processos significativos de aprendizagem, que encantem o jovem e estimulem a sua criatividade. Iniciativas dessa natureza constituem a identidade da Agenda Nacional.

Tradicionalmente, a escola e a empresa têm sido dois mundos antagônicos que não dialogam. A ideia é desenvolver ações que reduzam barreiras entre a escola e o mundo do trabalho, partindo do princípio de que tal aproximação favorecerá tanto a construção de sentido do jovem para aquilo que está estudando na escola como também a geração de uma perspectiva de futuro para esse jovem.

Isabel Santana, superintendente da Fundação Itaú Social, destacou no debate a importância de a Agenda Nacional contemplar ações



Foto oficial do evento

para os jovens de 18 a 24 anos de idade que estão fora da escola e do mundo do trabalho. A evasão escolar é um grande desafio. Por outro lado, o baixo nível de escolaridade dificulta que o jovem ingresse no mercado de trabalho. É nessa faixa etária (18 a 24 anos) que se registra a maior taxa de desemprego (12,7%) entre a população adulta, segundo a Pesquisa Mensal de Emprego do IBGE (setembro/2013). É quase o triplo do que se verifica na faixa entre 25 e 49 anos (4,4%).

Educação e trabalho são dois universos sociais interdependentes e essenciais à formação do indivíduo e à construção da sua cidadania. Nessa perspectiva, o jovem necessita desenvolver conhecimentos, habilidades e atitudes para poder exercer a cidadania e enfrentar os desafios impostos pelo modo de vida contemporâneo. A Agenda Nacional prioriza um conjunto de ações que favorecerão a divulgação de informações e a orientação profissional aos jovens, bem como a disseminação de oportunidades no mercado de trabalho.

Para Ricardo Martins, consultor legislativo para Educação da Câmara



Rafael Lucchesi, diretor de Educação e Tecnologia da CNI

dos Deputados, é fundamental que se estabeleçam pontes mais sólidas entre o sistema educacional e o mundo do trabalho, pois existe um grande descompasso: por um lado, as empresas, cada vez mais exigentes, sofrem com a escassez de profissionais qualificados para desempenhar funções específicas; por outro, as instituições de ensino não conseguem alcançar os níveis de proficiência compatíveis com as exigências para a inserção no mercado de trabalho. Tal descompasso ficou evidente no estudo da McKinsey (2013), que revelou que, para 48% dos empregadores brasileiros, a escassez de habilidades é o principal motivo para o não preenchimento das vagas de início de carreira. A grande conclusão do estudo é que as empresas, as instituições de ensino e os jovens vivem em universos paralelos que precisam se conectar. A falta de sintonia indica a urgente necessidade de uma atuação mais colaborativa em prol de uma agenda comum que vislumbre novas perspectivas e abra novos caminhos. Nessa direção, a Agenda Nacional foca em ações que favorecem o desenvolvimento de competências e o incremento de mecanismos que conectam educação e trabalho.

Após o debate, Rafael Lucchesi, diretor de Educação e Tecnologia

da CNI, lançou a Agenda Educação para o Mundo do Trabalho. De acordo com ele, “o estudante brasileiro precisa desenvolver maiores habilidades de raciocínio lógico, e os trabalhadores devem ser preparados para aprender a aprender. Isso será fundamental para incluí-los num desenvolvimento econômico que seja sustentável. Superar esse desafio não é tarefa apenas do governo, mas das empresas, das famílias e de toda a sociedade.”

Ao final do evento, os presidentes das Federações das Indústrias, juntamente com os representantes dos Departamentos Regionais responsáveis pelo desenvolvimento da iniciativa em cada um dos Estados, fizeram sua adesão à Agenda Nacional.

Robson de Andrade, presidente da CNI, afirma que “não é tarefa simples mobilizar um país do tamanho do Brasil para que se alcancem padrões de qualidade educacional em prazo compatível com a urgência que temos. Ainda assim, acredito que essa iniciativa da CNI vai ajudar a abrir caminhos para o diálogo e a aproximação entre indústria, governos e sociedade em geral, a fim de avançarmos com ações práticas e de resultado positivo.” ■